

# FATOS E NOTAS

---

## A MAGIA DE CAÇA E A ARTE.

---

Observa Kurt Lindner em *La Chasse Préhistorique* que as espécies mais apreciadas economicamente pelos caçadores do Paleolítico Recente na Europa Ocidental e Central são as que se representam mais vezes nas pinturas, gravuras e esculturas (o búfalo, o cavalo, a rena e o mamute), e na Espanha levantina onde abundam os veados, são as suas representações que mais freqüentemente animam as composições pintadas nos abrigos sob rocha.

O significado desta arte naturalista reside no desejo de “adquirir poder sobre o animal de que dependia a existência da comunidade humana”.

Lindner admite, indo assim ao encontro doutros pensadores, que como Elie Faure restringiram os seus estudos ao campo da estética, que a forma de magia de caça teria sido precedida por uma fase pré-mágica em que se executava uma mímica que se julgava necessária.

Conjecturou-se assim que o uso dum fato para a caça marcava o começo da utilização das máscaras que servirão depois ao mágico no desempenho de danças rituais de caça que preluiriam e concluirão a batida.

A utilização de imagens como meio de magia teria sido precedida por outra técnica ritual. Por exemplo, como indica Kühn, a mímica mágica, cuja origem seria explicada pela camuflagem a que o caçador recorria para se aproximar dos animais (caça por dissimulação). Em tal situação o caçador integrava-se no mundo animal, agia, logo sentia como um animal.

Leo Frobenius reuniu alguns exemplos nos quais vemos que em muitos atos que serão autoritárias práticas rituais, o homem agirá como um animal, imitá-lo-á nas suas atitudes.

A máscara continha a força do animal, quem a usava tornava-se o animal representado nela. Assim se operou a passagem para a magia por aproximações sucessivas.

O simulacro de caça, a dança, a mímica foram os pontos de partida para a arte.

Razão tinha Elie Faure quando via nas danças ritmadas pelos gritos ou pancadas, as primeiras manifestações estéticas despontando na mente primitiva à imagem do ritmo cósmico do dia e da noite, das estações e da dança cíclica dos astros. Simplesmente

para o seu julgamento de homem estético bastou o sentido contemplativo da interpretação, outros cavariam mais fundo.

As figurações de máscaras, os desenhos de ratoeiras e flechas e os traços de danças que como resíduos de ritos de iniciação de caça se conservaram até hoje, são provas objetivas das afirmações feitas.

Alguns exemplos:

Os homens mascarados de cabrito montês, executando uma dança ritual, desenhados num "bastão de comando" do Abri Mèege (Dordonha).

Bruxo mascarado com cabeça de veado, pintado na Gruta dos Três Irmãos (Trois Frères, Ariège).

O mágico com uma cabeça de javali executando um rito de fecundidade, pintado na mesma estação.

A arte nasceu quando a mentalidade primitiva recorreu à magia.

Para a caça como para a plástica duas condições se impõem: u'a mão calma e uma observação exercitada. O olho está tão habituado às formas naturais, que estas constituem os limites do sentimento estético. O artista está intimamente ligado à natureza. Nela vê as formas que estimulam o seu pensamento, e a economia obriga-o a observar os particulares do meio para poder sobreviver.

"Seria errôneo no caso do caráter mágico ser menos manifesto, querer supor razões estéticas, decorativas ou recreativas justificando a produção artística" (Lindner).

"Seria desconhecer o sentido desta civilização, atribuir-lhe um elemento de alegria que não lhe pertencia. Os homens a quem se devem estas obras de arte, viveram sob uma opressão constante, o temor que lhes provocava a possível insuficiência de alimentos" (Lindner).

Os caçadores de há muito sabiam seguir as pistas, porém nem sempre as suas pesquisas eram frutíferas. A incerteza devia ter-lhes estimulado os sentidos. Lançaram pois mão dum mecanismo com o qual influenciariam o destino, subjugariam os fados. Meios que julgavam ser bem mais poderosos do que as armas que empunhavam e que as suas mãos criaram, mas em que nunca teriam pensado se sempre tivessem sido bem sucedidos nos empreendimentos cinegéticos.

"A magia postula a experiência preliminar" como escreve Lindner. Na arte comprovam-se vários móveis: garantir o domínio do caçador sobre o animal; intensificar o poder fecundante e gerador dos animais para tornar constante o aumento do número de

cabeças; reconciliar o espírito do animal assassinado com o caçador, sem o que a vingança do ofendido podia fazer-se sentir.

A imagem não tem um sentido figurativo, mas um sentido real, trata-se do próprio animal (conceito que prevalecerá durante milênios, já numa fase muito adiantada do período histórico, e que explica por exemplo a mutilação das imagens, a destruição das inscrições etc.). A imagem é parte integrante do modelo, participa da substância do original. Quem se entender com a imagem encanta o original.

Só assim se compreende a representação das armadilhas de pêso sôbre o corpo do mamute (indicações que se consideravam como signos tectiformes), as flechas cravadas nos búfalos, as lanças no encaicho dos animais, e o que parece ser um laço prendendo a pata dum cavalo.

Quanto mais a figuração fôr conforme à realidade, maior será o poder do caçador sôbre a presa.

Trata-se dum certo animal que o caçador espera conquistar, e não duma representação generalizada de todos os seres da espécie a que pertence.

A situação das pictografias no fundo de grutas de difícil acesso, muitas delas desabitadas, é um aspecto que contribui para acentuar o sentido mágico da produção artística. Tratava-se de centros de peregrinação durante as festas de iniciação, onde se executavam bailados rituais de magia e de fecundidade, conforme se comprovava observando no chão argiloso da gruta de Montespain indícios de pegadas de rapazes e raparigas.

O fato de a arte ter medrado à sombra da concepção mágica do mundo, leva a supor que uma classe da população se incumbia das tarefas artísticas. Indivíduos dotados, talvez pertencendo à classe dos mágicos, receberiam educação artística (o que poderá concluir-se dos achados de Capitan e Bouyssonie em Limeuil), e só depois de se ensaiarem em pedras soltas e bocados de ardósia, se lançavam à execução dos grandes frisos.

Gordon Childe atendendo às características das figurações, entende que os artistas só podiam ser caçadores, pois só êles podiam dar mostras duma observação tão apurada.

E' ainda possível que os artistas fôssem mágicos, desde que êstes tomassem parte nas batidas.

E' agora o momento de se recorrer ao método comparativo, analisando as práticas dum povo que deve viver no mesmo nível econômico que os caçadores do Paleolítico. O dos mahalbi que em pequenas hordas se deslocam do Niger ao Lago Tchad.

Escreve Frobenius que quando atingem a puberdade, os jovens são levados para a floresta e aí entram num estado de exaltação devido às danças e aos ruídos a que os submetem. Súbitamente um leopardo (um homem mascarado de leopardo que para eles é o mesmo que o felino), atira-se aos iniciados e fere-os, particularmente nas partes sexuais, de tal modo que a ferida uma vez cicatrizada não deixará de se perceber.

Preparam-se depois os cornos dos búfalos que não devem ser tocados pelas mulheres. Se isso acontecesse, os animais ferozes transformar-se-iam em belas sedutoras, e o caçador por elas atraído estaria exposto à vingança do sangue.

Uma vez abandonado o local de iniciação, os jovens são muito procurados para o coito, pois o seu poder fecundante será tanto maior quanto menos tempo decorrer após as cerimônias. Mas devem copular agachados, essa é a posição usada pelos animais.

O caçador lançará no corno de búfalo algumas gotas do sangue do animal que apanhar.

Devem os mahalbi conhecer certas práticas mágicas feitas com o sangue dos antílopes, e nunca provar cereais ou frutos cultivados.

Na zona do Tchad e do Burnu quando um caçador mata o primeiro antílope, introduz-lo num buraco escavado na terra e esfolo-o de modo a obter grande quantidade de sangue, e enche com êle um corno de antílope. Se é um macho, junta ao sangue um testículo.

Se o caçador não se entregasse a estas formalidades, o animal transformar-se-ia numa mulher.

No Cordofão os caçadores adquirem poder ilimitado sobre os animais procurados, se encherem um corno mágico com o sangue dos que caçaram.

Assim podem os animais continuar a viver.

Mas se um caçador deixou correr para o solo o sangue dum animal, deve sangrar-se no braço para provar que se arrependeu. O braço que feriu e derramou sangue é perdoado em vista do sangue que perdeu, e por êle mesmo.

Os cábilas contaram a Frobenius que os caçadores das tribos do sul imolavam dantes aos animais uma parte do prepúcio, fugindo por êste sacrifício e efusão de sangue, à vingança dos animais mortos.

Todos os caçadores de panteras temiam e temem ainda a vingança dos animais, não quando são mortos mas quando perdem sangue durante a agonia.

Nestes conceitos é grande a influência das feras sobre a vida humana.

O animal feroz com a patada característica do felino, perturba, embriaga, enfraquece o homem.

O prazer fisiológico mergulha o homem num estado momentâneo em que se embriaga cedendo ao apêlo do instinto.

Associaram-se êstes dois estados de consciência na magia, e a patada do felino marcou nas cerimônias de iniciação o comêço da atividade sexual.

A relação entre o olhar agudo da fera e a vida sexual deve deduzir-se das várias narrações que se referem às precauções que o caçador deve tomar quando encontra as crias dum felino ou quando é por êle atacado.

O direito de caçar e o sucesso na empresa dependem do comportamento do primitivo em face do animal. Importa que o olhar da fera encontre o caçador iniciado.

Isto comprova-se para o passado, segundo Frobenius, pelas imagens de "Trois Frères" e as do planalto de Jachu (Atlas) onde se desenhou um leão com a cabeça de frente sobre uma fila de animais que interessavam à sustentação da tribo.

Em 1935 os membros da Expedição Alpina Francesa do Hoggar descobriram gravado num bloco de granito, perto do *ued Mertoutek*, um leopardo ou leão com o corpo de perfil, a cabeça de frente, e uma lança cravada no dorso.

Bégouen e Castaret numa caverna no alto Garona encontraram a estátua de argila dum animal grosseiramente modelado e sem cabeça. O pescoço acabava num plano polido (houve pois a preocupação de fazer uma figura acéfala), no meio havia um buraco para introduzir um pau suportando um pêso na extremidade. A figura assemelhava-se a um urso, e um crâneo dêste animal jazia entre as patas dianteiras.

Isto prova a existência do culto do urso durante o Madalenense.

A pele dum urso estender-se-ia sobre o modêlo de barro, e a cabeça seria ligada por meio dum pau ao pescoço.

Assim temos o culto dos felinos sobrevivendo em África, e o culto do urso entre os lapões, os ostiacos, os vogul, os giliacos, os paleosiberianos do nordeste, os aino, os ameríndios da costa nordeste do Pacífico (tlinkit, kwakiutl e nutka), os algonquinos, e os ojibwa que vivem a sudoeste do Lago Ontário.

Frobenius conta ainda o que se passou com alguns pigmeus que o acompanharam durante parte da expedição nas florestas entre Cassai e Luebo.

Em dado momento faltaram os víveres, e instigados a irem caçar um antílope, os três pigmeus resolveram pôr-se a caminho no dia seguinte.

Os homens dirigiram-se para uma colina próxima, o explorador alemão seguiu-os dissimuladamente.

Escolheram um local ao amanhecer, arrancaram a erva e nivelaram o solo. Um deles desenhou na terra com o dedo, enquanto os restantes e uma mulher murmuravam esconjuros.

Depois todos esperaram em silêncio que o Sol despontasse no horizonte.

Logo que os raios de luz tocaram o desêngo, a mulher ergueu os braços como para apanhar o astro, recitando fórmulas mágicas e encantamentos, e um dos homens disparou o arco. Depois os três caçadores lançaram-se na batida.

O desêngo representava um antílope e a flecha cravara-se-lhe no pescoço. De regresso, os caçadores arrancaram alguns pelos do animal e encheram uma escudela com sangue, caminhando então para a colina. Aí colocaram os pelos e derramaram o sangue sobre o desêngo, retiraram a flecha e revolveram a terra. Se desta forma não procedessem, o sangue do antílope os mataria.

A imagem é o próprio animal, a flecha é um raio solar. Quem matou o antílope não foi o pigmeu, foi o astro-rei.

Mas para evitar a vingança do sangue era necessário apagar a imagem ao erguer do Sol. Então a estrêla salvava o caçador concedendo a vida ao antílope.

Os bochimanos do Kalahari identificam os antílopes com as estrêlas (conceito de “estrêlas-animais”).

As representações de girafas tendo um disco que indica o Sol, perto ou por detrás do pescoço, em In Habeter (Fezão) prendem-se com êste conceito.

Estas formas de comportamento para com os animais nasceram da necessidade que sentiam os caçadores de se alimentarem, e do reconhecimento para com as vítimas.

Matavam-nos por necessidade, mas julgavam justificar-se e salvaguardar a própria existência aos olhos da vítima.

Os animais eram e são a base da existência para as tribos de caçadores especializados.

Compreendemos assim melhor o sentido das pequenas esculturas de mulheres do Aurinacense, são representações da mãe do clã cuja fecundidade evidenciada nos fartos seios e no volumoso ventre assegurará às manadas uma descendência numerosa e interminável. Eram de certo usadas em ritos de fecundidade, fertilidade, para garantirem a multiplicação dos animais procurados

pelos caçadores. Nas cerimônias de magia os homens mascarados de animais equivalem aos próprios animais, e a representação duma fêmea humana ou animal (geralmente em estado de gravidez) tinha o mesmo sentido.

Compreendemos as pictografias e as gravuras representando o animal totêmico, inicialmente elemento essencial do sustento diário do clã, depois seu criador e protetor. Pois não bastava gerar, importava manter, e as duas funções eram igualmente dignas de veneração.

Compreendemos as representações de felinos e doutras feras, assim como dos feiticeiros e das marcas a vermelho de mãos estampadas; figurações resultando de primitivas associações de idéias relacionando as feras com as técnicas que submetiam o mundo exterior da natureza, ao homem.

A vontade, a ação, a força são as raízes da magia.

À medida que a caça se foi restringindo como base econômica, e novas técnicas surgiram como a agricultura e a pastorícia, as concepções mágicas e as figurações naturalistas entraram em franco declínio.

A magia persistirá apenas como prática de encantamento, auxiliar do animismo que se concentrará em torno da teoria dos espíritos.

Marett afirmava já ser o animismo precedido por uma fase de pensamento a que chamou animatismo ou teoria da animação geral.

Frobenius definiu como segue as culturas de primitivos atuais que englobou no tipo hamítico existente ainda no Saará meridional e na África do Sul (bochimanos), caracterizado por um grau de evolução que corresponde sensivelmente ao dos caçadores do Paleolítico Recente:

— “A vida organizada em função das necessidades físicas dos vivos. Os mortos para nada contam. Vontade pessoal em face do mundo”. Emprêgo generalizado da magia e do chamanismo (oposição à ordem natural da realidade). Os encantamentos, o mau olhado e outras operações têm por fim a submissão de tôdas as coisas à vontade do mágico.

O feiticeiro representa durante as cerimônias, as forças naturais. O seu jôgo não é uma farsa desinteressada como pretendem alguns, pelo contrário, é dessa pantomima (arte ou ato de exprimir idéias ou sentimentos por meio de gestos) que dependem a existência e o futuro da sociedade.

Pelo menos assim o crêem todos os componentes do grupo e éle próprio.

Esta interpretação explica as hipóteses que tentavam por sua vez explicar as origens das crenças. A de Tylor pela qual o primitivo animava tôdas as coisas viventes ou não, com razão, compreensão e vontade; a de Lang pela qual o homem, construtor de instrumentos, concebera um ser criador de tudo o que êle não fizera e a quem atribuía a paternidade, a bondade, etc.

Não será muito ousado aproximar êste culto do do animal to-têmico ascendente do clã.

O Padre Schmidt quis ver no culto ao criador uma religião monoteísta, mas as práticas mágicas e as concepções animalistas estão muito longe ainda do sentimento de religiosidade sem o qual não seriam possíveis as religiões.

*JOSE' HUERTAS LOBO*